

jovem pesquisador

Covid-19, era de crises e a luta das mulheres pela vida



Palavras-chave

COVID-19, mulheres, crise, utopia, movimentos sociais.

A crise mundial provocada pela pandemia da COVID-19 exacerba algumas características do atual sistema socioeconômico. Nesse momento, amplia a agudização das desigualdades e do controle da população. Por outro lado, também é possível vislumbrar uma oportunidade de colapso e reinvenção do futuro, com a elaboração de utopias. Como lembra Svampa¹, na crise econômica de 2008, as medidas de proteção econômica dos governos foram seletivas e concentraram ainda mais as riquezas nas contas dos “1%” mais ricos.

Dentre as consequências da medida preventiva de isolamento social, adotada em diversos países, há um problema que já começa a alarmar: o aumento dos índices de violência doméstica. É evidente que isso não se relaciona apenas ao episódio da pandemia, uma vez que os casos já vinham aumentando, mas o confinamento domiciliar pode agravar ainda mais este problema, além de criar obstáculos para realização de denúncias. Algumas medidas emergenciais vêm sendo tomadas pelos governos e pelos movimentos sociais para mitigar esses efeitos. Mas há uma janela para imaginar e pautar horizontes de libertação coletiva e o fim das opressões causadas pelo sistema capitalista e patriarcal.

Construção de uma utopia feminista: lutas recentes na Região Metropolitana de São Paulo

Em vista da crise pandêmica a ONU-Mulheres² lançou recomendações ligadas às dimensões de gênero que foram especialmente elaboradas

para as latino-americanas e caribenhas, na direção de fortalecer políticas públicas e medidas locais. O documento aborda, além dos impactos em relação ao empobrecimento e aumento da violência doméstica, preocupações na área da saúde, como manter os programas de pré e pós-natal, e segurança alimentar, visto que o fechamento das escolas e creches faz com que os custos para nutrição das crianças sejam totalmente domésticos.

As recomendações tendem a chamar atenção para problemas já existentes na nossa “sociedade capitalista patriarcal”, mas que se tornam mais graves no momento da crise. Contudo, parecem distantes da possibilidade de extinção ou transformação do sistema de modo mais amplo que gera esses problemas. Para além de políticas emergenciais, uma saída possível da atual crise vai no sentido de potencializar as alternativas mais radicais, com o horizonte de reorganização social e que priorizem a vida, como vêm sendo construídas por movimentos feministas^{3 4}.

No sentido de fomentar as denúncias, o “Maria Lab”⁽¹⁾, um coletivo hacker feminista, organizou um manual de procedimentos que auxilia inclusive as mulheres a se organizarem, caso não possam denunciar diretamente, e traz contatos de advogadas que atendem principalmente relatos de violência doméstica. Em consideração da carta-denúncia lançada pelas trabalhadoras terceirizadas da política de assistência social, na qual foi apontada a precariedade do serviço de atendimento às mulheres no município de São Paulo

Rayssa Saidel Cortez 1
Arquiteta e Urbanista (UNESP). Mestra e Doutoranda em Planejamento e Gestão do Território (PPG-PGT/UFABC), realiza pesquisa em segurança hídrica e comunidades vulneráveis. Pesquisadora no Laboratório Justiça Territorial (labJUTA), no Grupo de Pesquisa em Ecologia Política, Planejamento e Território e no Projeto Temático FAPESP MacroAmb.

Marina Rago Moreira 2
Arquiteta e urbanista (FAU/USP) e mestranda em Planejamento e Gestão do Território (PPG-PGT/UFABC), com pesquisa sobre segurança hídrica, agroecologia e gênero. Faz parte do Grupo de Pesquisa em Ecologia Política, Planejamento e Território.

Veridiana Emilia Godoy 3
Arquiteta e Urbanista (UNESP), pós-graduada em Gestão Pública (IPPUR/UFRJ) e mestranda em Planejamento e Gestão do Território (PPG-PGT/UFABC). Tem como foco de seus estudos o urbanismo feminista e a interseccionalidade de gênero, raça e classe nas dinâmicas territoriais urbanas. Faz parte do Grupo de Pesquisa em Ecologia Política, Planejamento e Território do PGT/UFABC e do Núcleo de Pesquisa em Gênero, Espaço e Políticas Públicas (NUGEP) do IPPUR/UFRJ.

em meio à pandemia, a respeito da falta de Equipamentos de Proteção Individual até ameaças e intimidações pelos patrões, nota-se a importância de redes de acolhimento alternativas.

Por outro lado, mais do que a denúncia é importante apresentar possibilidades de promover a independência financeira e social dessas vítimas. Na zona sul de São Paulo, a atuação da Escola Feminista Abya Yala se destaca por ser um espaço de estudos e construção de um “feminismo favelado” e em rede. Em meio às medidas de restrição, lançaram⁽ⁱⁱ⁾ uma campanha de arrecadação de doações e publicaram formulários online para cadastrar mulheres que precisavam e podiam dispor ajuda às companheiras, além de um para denúncia de situações de agressão (dos locais de trabalho, da ausência de serviços públicos e no contexto familiar).

Desde o golpe de 2016, que destituiu do poder a presidenta Dilma Rousseff, observamos rupturas com políticas públicas construídas após décadas de lutas feministas, como as “Casas da Mulher Brasileira”⁽ⁱⁱⁱ⁾. Por esse motivo, no ano seguinte, as militantes do Movimento de Mulheres Olga Benário no ABC paulista ocuparam um imóvel abandonado e criaram a Casa de Referência a Mulher Helenira Preta. Na região, com dezenas de milhões de habitantes, existe uma grande carência de equipamentos para as mulheres, ou seja, na situação com a tendência de colapso dos atendimentos de serviços públicos e aumento dos índices de violência, a existência das atividades dessa casa é fundamental.

Por fim, no município de São Paulo e arredores, vale destacar o trabalho da Sempre Viva Organização Feminista (SOF) e a articulação das agricultoras periféricas de São Paulo, que têm se organizado nos últimos anos. Essas ações têm um caráter de emancipação

cultural, social e financeira para as participantes, portanto, se consolidam como alternativas às opções de trabalho e renda no sistema neoliberal e são promovidas por coletivos e organizações feministas contra-hegemônicos.

Considerações finais

O acúmulo dessas experiências chama a atenção para os feminismos do Sul nesse momento, uma vez que trazem a crítica ao patriarcado articulada à crise civilizatória e ao modelo de desenvolvimento, e, também, apresentam alternativas ao modo capitalista de produção e de vida. A dinâmica sugerida pelo documento da ONU-Mulheres2 exige que existam redes de apoio à rotina doméstica e incentivos institucionais, mas não questiona o sistema já posto e suas diversas desigualdades, que estão agravadas pela situação de pandemia.

Atualmente, os índices de violência contra a mulher seguem elevados, seja para as que trabalham apenas em casa, quanto para aquelas que também saem para trabalhar. Dessa forma, a união de movimentos sociais e do poder público como encorajamento para que as mulheres em situação de violência possam se manifestar é essencial, mas também é importante reforçar outras perspectivas de vida para essas mulheres. Conforme mencionado, as articulações de luta locais já têm produzido alternativas, então, é preciso fortalecer e elaborar a utopia de outras eras desde a base. Em tempos de crise humanitária, é imprescindível que a força coletiva das feministas não perca de vista o horizonte de transformação social nem se dilua nas especificidades demandadas pela pandemia, mas, some forças na luta com outros movimentos para superar os conflitos do capitalismo neoliberal e genocida.

(i) – Para acessar o post instrutivo do coletivo, acessar: <https://www.marialab.org/cuidados-durante-a-pandemia-como-denunciar-uma-violencia-domestica/>

(ii) – A rede organizou as possíveis demandas das mulheres em favelas e as disponibilizou em: https://www.facebook.com/escolaabyayala/posts/122603729334422?__tn__=K-R

(iii) – O Decreto nº 8.086/2013 oficializou a criação das “Casas da Mulher Brasileira”, que não preveem apenas acolhida, mas atendimento terapêutico e jurídico, com integração do núcleo especializado da Defensoria Pública, além de capacitação para novas perspectivas de vida.

1 – SVAMPA, M. Coronavírus e o alerta para a crise climática. Blog da Editora Elefante, 2020. Disponível em: <<https://editoraelefante.com.br/reflexoes-para-um-mundo-pos-coronavirus/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

2 – ONU-MULHERES. Gênero e COVID-19 na América Latina e no Caribe: Dimensões de gênero na resposta. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

3 – ARRUIZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. Feminismo para os 99%: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019, 128 p.

4 – FARIAS, N. Neoliberalismo, pandemia e vidas precárias: desafios para o feminismo. Coluna da SOF Sempre Viva Organização Feminista, Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/03/24/neoliberalismo-pandemia-vidas-precarias-desafios-para-o-feminismo>>. Acesso em: 10 abr. 2020.